

A VAZANTE: POR UMA ANTROPOLOGIA POÉTICA
THE FLOWER: TOWARDS A POETIC ANTHROPOLOGY

Juliana dos Santos Nunes¹

RESUMO

Esse artigo tem a finalidade de apresentar uma etnografia poética a partir da pesquisa desenvolvida nas águas do Rio Jaguarão e da Lagoa Mirim, na fronteira do Brasil com o Uruguai, tendo como interlocutores e interlocutoras as pescadoras e pescadores artesanais vinculados à Colônia Z-25, trazendo um jeito de viver em confluência com as águas e com os/as demais entes que circundam estes ambientes: peixes, vacas, cavalos, arroz, aves, cachorros e a paisagem lagunera. O tema central do presente texto é pensar uma antropologia e etnografia a partir da poesia, radicalizando sua aproximação, tensionando e friccionando os saber-fazer etnográfico em confluência com as mais variadas formas de expressão, desde a fotografia, amplamente usada na pesquisa, bem como o fazer poético que perpassou de maneira indelével o trabalho de campo realizado pela antropóloga-poeta, trazendo as linhagens líricas desse jeito de fazer e sentir a dimensão da vida, tendo postas as lentes da antropologia e da poesia, num diálogo existencial e acadêmico constante, deixando-se envolver pelo acaso, pelas caminhadas e o *sentipensar*, levando a sério esse modo de praticar a antropologia.

Palavras-chave: Sentipensar com águas; etnografia poética; confluências.

ABSTRACT

This article aims to present a poetic ethnography based on the research developed in the waters of the Jaguarão River and the Mirim Lagoon, on the border between Brazil and Uruguay, having as interlocutors the fisherwomen and artisanal fishermen linked to Colônia Z-25, bringing a way of living in confluence with the waters and with the other beings that surround these environments: fish, cows, horses, rice, birds, dogs and the lagoon landscape. The central theme of this text is to think about an anthropology and ethnography from poetry, radicalizing its approach, tensioning and rubbing ethnographic know-how in confluence with the most varied forms of expression, from photography, widely used in research, as well as the poetic work that indelibly permeated the fieldwork carried out by the anthropologist-poet, bringing the lyrical lineages of this way of doing and feeling the dimension of life, having put the lenses of anthropology and poetry, in a constant existential and academic dialogue, letting themselves be involved by chance, by walks and by feeling-thinking, taking this way of practicing anthropology seriously.

Keywords: Feeling thinking with water; poetic ethnography; confluences.

Recebido em: 31 de março de 2022

Aceito em: 17 de junho de 2022

Na linha de frente da nossa passagem à mudança existe apenas a poesia para aludir à possibilidade tornada real. Nossos poemas articulam as implicações de nós mesmas, aquilo que sentimos internamente

¹ Universidade Federal de Pelotas, Brasil.

e ousamos trazer à realidade (ou com a qual conformamos nossa ação), nossos medos, nossas esperanças, nossos mais íntimos terrores.

Audre Lorde – A Poesia não é um Luxo

A vazante, denominação hidrográfica que diz respeito ao período no qual há uma baixa nas águas dos rios e mares, escorrendo, vazando, fazendo aparecer o lodo, o barro vivo, que ficou submerso durante as cheias. Desse barro ou lodo escondido, busquei a alegoria para pensar nessa antropologia poética, proposta ao longo de minha dissertação de mestrado, desenvolvida a partir das águas na Lagoa Mirim, entre as cidades de Jaguarão, Brasil, e Rio Branco no Uruguay.

Sendo assim, é desse “charco lodoso”, como refere Ferreira (2021), que começamos a perceber as intersecções entre a maneira de experienciar a vida a partir do fazer poético, e a antropologia que está imersa na dimensão do vivido, na sua existência, mas principalmente, na *relacionalidade* entre entes, coisas, seres, imagens e palavras que confluem e radicalizam essa aproximação.

Este texto, portanto, surge para reflexionar sobre as diversas possibilidades de expressão e linguagens utilizadas para pensar o fazer antropológico e as inquietações que o campo etnográfico nos proporciona ao longo de nossas caminhadas, sejam elas solitárias ou em bando, como foi o caso que desenvolvi nos dois anos que estive entre as águas doces da Lagoa Mirim e com aquelas e aqueles que praticam seus saberes através da pesca artesanal, bem como suas confluências.

Pensar numa etnografia poética e, por conseguinte, numa antropologia animada pelo espectro poético, talvez possa parecer uma novidade, mas não é, pois há uma linhagem que nos precedeu e que vou evocar ao longo deste artigo, especialmente para mostrar que nós, poetisas-antropólogas, somos uma legião.

Dizer isso é trazer à tona nossas linhagens antropológicas, nos apegarmos a elas e fazer um mergulho dentro do sensível, porém sem deixar de ter em mente que estamos fazendo etnografia e contribuindo para a ampliação da antropologia, ao passo que não descolamos daquilo que somos, como aparecerá mais adiante, fazendo voz ao que disse a poeta Angélica Freitas, “ser poeta é uma maneira de estar no mundo” e essa *maneira* é atencional, sensitiva, contemplativa, desinteressada, relacional e por isso se aproxima da etnografia e do nosso fazer enquanto antropólogas em formação (em constantes desafios).

Dessa maneira, nessas bordas sutis, caiu-me em mãos um texto de Marília Kosby, poeta e antropóloga, que coorientou minha dissertação, sobre a relação entre antropologia e poesia, no qual ela nos provoca ao longo de sua escrita, rompendo algumas barreiras, avançando numa linguagem para além da metáfora. Porém não é somente a antropologia que provoca a poesia. O que Kosby nos alerta é para a poesia provocando e radicalizando a antropologia, no jeito de escrever e expressar a etnografia.

E, se antes estávamos escondidos, assim como foi Antônio Cândido, indefinidos como Leiris, ou se éramos uma “lâmpada sobre uma luz árida” feito Tina Jolas, hoje somos uma legião à mostra, em pleno sol mormacento, colocando-nos numa linhagem de poetas e antropólogos, caminhando no más por essas trilhas e descaminhos, nos envolvendo na vida em relacionalidade.

Entrando nas águas da antropologia poética

Entre as linhas tênues do horizonte fronteiro e aquático que nada dizem de compreensível, onde os pés não estão acostumados a sentir o balançar das ondas, *despacio no más*, vai se desvelando a imensidão escura da Lagoa Mirim, fazendo o corpo pegar o jeito de se equilibrar e vivenciar inteiramente o que via por diante.

Mais que a metáfora para uma *situação* etnográfica qualquer (talvez aqui coubesse a implosão provisória desse estratagema), a entrada em campo é acompanhada pelo suador nas mãos, o medo do “outro”, as pernas bambaleando, como se estivesse diante de si mesma num caminho escuro, feito a alta lagoa, com a vida se insinuando numa dimensão sensível e poética, tal qual a antropologia e a etnografia.

Essas sensações corporais, vivas dentro da nossa existência, também fazem parte do fazer antropológico e às vezes definem a maneira como vamos nos comportar diante dos silêncios iniciais das pesquisas, que igualmente compõem nossos diários de campo e que são difíceis de lidar e transpor e, além disso, conviver com o medo diante daquela e daquele que desconhecemos enquanto partícipes do nosso grupo de aproximação e que se tornam, paulatinamente, nossos interlocutores e interlocutoras.

As antropólogas Elisete Schwade e Miriam Pillar Grossi (2018), levantam um questionamento:

Se as emoções são sociais, o desafio está em refletir sobre esse caráter considerando o encontro intersubjetivo proporcionado na pesquisa etnográfica. E então cabe-nos perguntar: os medos são os mesmos? Em que campo semântico estão inscritos os medos dos antropólogos e os medos dos interlocutores? (p.14).

O medo, num primeiro momento, partia com relação ao grupo que pretendia estudar, um medo do “estranho”, do “outro” e das possibilidades de interlocução não dar certo, no entanto, estava descartado o medo que o grupo poderia ter em relação a mim e também com relação a minha própria cidade, sentia-me confortável, mas quando vi essas certezas desmoronando, deparei-me com outra Jaguarão que não mais aquela encantada dos livros de literatura e de minha própria concepção poética.

Diário de Campo – em algum momento de 2018:

*Tenho tanto
Medo da vida
Que ao me dar
De golpe com o mar
Senti o gosto
Salgado dos meus braços*

Nas primeiras entradas em campo o silêncio de vozes foi uma constante, porém tive a companhia dos falares dos bichos, tal qual as vacas na beira do rio no outro lado da fronteira, pelos meus sapatos ao encostar no chão durante as infinitas caminhadas que realizei e também os pneus da bicicleta e sua sinetinha anunciando os movimentos nas ruas, companheira de muitas “observações flutuantes” (Pétonnet, 2008).

Nesse começo passei a denominar o percurso de amoroso, fazendo uma referência ao poeta Fernando Pessoa em seu heterônimo Alberto Caeiro, o pastor caminhante e viajero, e entendi que precisava mirar Jaguarão como se fosse uma grande novidade, uma descoberta de vielas, trilhas inventadas, poças d’água, braços do rio, até atinar que a cidade era moldada pelas suas águas.

Esse passo a passo pelo corpo da cidade tinha, na maioria das vezes, como destino final a beira do rio, dando de cara com a monumentalidade da ponte (a Ponte Internacional Barão de Mauá, divide a fronteira entre Brasil e Uruguay, foi o primeiro bem tombado

como patrimônio cultural binacional do Mercosul, reconhecida pelos dois países no ano de 2015 (IPHAN, 2015), com uma arquitetura fortificada, está sobre as águas do rio Jaguarão, um dos cartões postais de quem está de passo pelas cidades, marca que delimita os Estados-nação), levando um susto ao vê-la imóvel sobre aquele rio subversivo que nunca para de bailar, transitando entre as duas orillas, nos vaivéns callejeros daqueles que a cruzam tanto por cima quanto por debaixo.

A partir de então comecei a mapear as ruas que chegam até o rio, pensando naquilo que entra nessas águas, pulsando no meio do urbano, e também aquilo que sai de suas entranhas, na gemelaridade das cidades envolventes, bem como suas diferenças que vão muito além do idioma sendo também nossa contravenção pelos falares em portuñol² presentes em nosso linguajar cotidiano.

Assim, a escrita deste texto traz esse sinal em sua pele, de uma mulher fronteira caminhando, pensando, falando e escrevendo sobre a fronteira na qual cada um vive, dessa maneira, a língua que aqui escrevo é oriundo dessa mistura do português com o espanhol, tão comum em nossa fronteira, e também do *pretunhol* e aqui faço referência a Lélia González (2020: 88) que me ajudou a compreender as particularidades com as quais estamos envolvidas e, especialmente, me fez decifrar a maneira como o vô Zeca, um homem negro de pele escura, se expressava, recebendo dele a influência para me tornar poeta.

Essa língua ou dialeto é “uma língua que não se deixou definir pelas demarcações oficiais dos Estados nacionais, os sujeitos não definem com exatidão seu idioma dependendo do lado da fronteira que estejam” (p. 102). Podemos pensar que o portunhol, assim como (Anzaldúa, 2009) refere, é uma “língua que não se doma”, que está sempre em trânsito, encarnada nos transeuntes.

Num domingo de sol, inverno, o frio da fronteira caindo sobre nossos corpos e sentidos, comecei a caminhada acompanhada por minha tia Marta, saímos de sua casa em direção ao Cerro da Pólvora, onde está situada a antiga Enfermaria Militar, dessa altura é

² Entendido não como expressão de falar estrangeiro, mas intrínseca à sociedade fronteira, portanto, as palavras que se encontram em espanhol fazem parte do jeito como lido com meu portunhol jaguareense e por isso não as acentuo em itálico, deixando claro que existem diversas formas de se praticar o portunhol e dependerá tanto da fronteira (seca ou molhada) como seus praticantes, sejam elas escritores, ouvintes ou apenas falantes dessa língua transeunte e callejera.

possível avistar a curva do rio que vai em direção a cidade de Rio Branco, no Uruguai, assim como parte da Ponte e o lado brasileiro.

Desse ponto, começamos a descer pela Rua 24 de Maio que antigamente se chamava Colina, essa é uma das passagens que chegam até as águas do rio, sem precisar desviar o percurso, então foi possível reparar nas mudanças de casas, vielas, sobreposições e a paisagem sendo transformada, não somente pela sensação do corpo ao sentir o sopro do vento, gelado e aquático, mas também pelos cheiros: de peixe e de lixo.

A cada passo, foi-se mostrando o tecido urbano, em algumas partes mais denso de casas, em outras mostrando as ruínas latentes e vivas que estão localizadas nessa zona central, assim foi quando chegamos mais próximo do antigo prédio da rádio cultura da Jaguarão, de onde já estávamos mais próximas do rio e da ponte.

Barcos em ruínas

Carniças de peixes

Os pássaros num festio

Nesse momento comecei a perceber o entorno, a duas quadras antes de chegar ao rio, na antiga Rua das Pombas (recebeu esse nome por conta das inúmeras casas de prostituição que havia nessa localidade) o acúmulo de lixo era notório, tantos nos terrenos baldios, quanto nas casas em ruínas, até encontrar um depósito de reciclagem.

Impressionante como o lixo e a água estavam e ainda estão próximos e o quanto isso também remete a uma potência de criação e de destruição e que ambos guardam essas semelhanças, embora constituam essa antítese aos nossos olhos, ou seja, os resíduos daquele corpo social sendo remetido diretamente para a água, que deveria ser preservada não só para o consumo humano, mas para os demais entes vivos.

Assim retomava as caminhadas etnográficas (sob influência da Tim Ingold³) que havia dado início em 2017 ao ingressar enquanto estudante de graduação em antropologia (essas primeiras inserções em campo se deram naquele ano de retomada dos meus estudos e ainda caminhava utilizando três suportes distintos para registro: câmera fotográfica e dois diários.), sem ter ainda a dimensão metodológica e os efeitos de reconhecer os

³ Refiro-me aqui à leitura do artigo intitulado “O Dédalo e o Labirinto: caminhar, imaginar e educar a atenção” (2015).

lugares através dos pés, a partir das sensações e também dos movimentos *atencionais*, na presença do corpo nas ruas, flutuando entre carros, bichos, solidão e silêncios.

Nesse ponto, comecei a pensar sobre uma abordagem a partir da observação flutuante que: “consiste em permanecer vago e disponível em toda circunstância, em não mobilizar a atenção”. (Pétonnet, 2008: 102) dando prioridade às caminhadas pela cidade, especialmente nas localidades próximas ao Rio e a orla de ambos os lados, como descrevi anteriormente.

No entanto, voltando o olhar para a atenção, percebi que não estava propriamente realizando uma “etnografia flutuante” aos moldes que Pétonnet nos ensina, mas sim deixando-me viver pela atencionalidade, pelo ouvir, ver e sentir – aqui me reporto aos ensinamentos de Cardoso de Oliveira (1996) – e compreender esses primeiros movimentos em busca do navegar nessas águas doces.

Logo percebi que estava aos poucos “educando minha atenção” na medida em que caminhava e apreendia os sentidos do que estava ao meu redor, expandindo o olhar, botando um jeito, indo além daquilo que convencionamos dizer sobre a objetividade e racionalidade.

Assim, estava deixando-me capturar pelas miudezas, partindo do exemplo do poeta Manoel de Barros: o som do vento, o murmúrio das pequeninas ondas do rio, os falares do *passarinhedo*, as rodas dos carros em cima da ponte e de como ela estremece ao ser provocada pelos transeuntes – vivemos o temor e quiçá o tremor, da ponte de fato vir a desabar, devido às grandes rachaduras em sua estrutura e pelo movimento que faz ao passar dos carros e caminhões, essa realidade é notória ao repararmos suas fendas evidentes, no chão, e a partir delas podemos espiar lá de cima a profundidade das águas.

Nesses movimentos de “educação da atenção”, como Ingold nos sugere, o trajeto físico e sensível, ajudaram-me a repensar em como fazer a etnografia e, por conseguinte, a antropologia. A medida em que caminhava fui percebendo a mistura nas formas de registrar não somente o que via e escutava, mas também o que sentia, assim me encontrei com três linguagens que até então considerava distintas: o diário de campo antropológico, o caderno de poesias e a máquina fotográfica, ou seja, pensando a etnografia dentro da poesia e da arte.

Obviamente que construir uma etnografia e contribuir teoricamente com a antropologia, passa por linhagens de antropólogos e antropólogas que me antecederam e

pensaram nas diversas maneiras de realizar o trabalho de campo, de experimentá-lo e mais de explorar as potencialidades existentes desse fazer e segundo Mariza Peirano nos diz: “etnografia não é método; toda a etnografia é também teoria [...] se é boa etnografia, será também contribuição teórica”. (Peirano, 2014: 383).

Sendo assim, toda etnografia faz parte da teoria e formação do contexto de construção do saber antropológico, portanto, ao estarmos em contato com o ambiente, os interlocutores, realizando nossas imagens e poemas, também estamos dentro do arcabouço teórico por não ser dissociado do seu fazer empírico. A partir de então, passei a não mais dividir os meus cadernos de campo, transformando-os numa só coisa, juntando definitivamente a etnografia com a poesia, passando a assumir essa maneira de vivenciar como algo que me impulsiona, não somente no campo das artes, mas também na antropologia.

Para Angélica Freitas (2020) ser poeta é muito mais do que uma maneira de expressão artística e literária, é: “uma forma de estar no mundo, de ser próximo de uma canção, de estar atenta”. Assim, assumir essa categoria perante a vida é reassumir-se diante da antropologia, ampliando o espectro de como podemos *montar* nossas etnografias, confluindo o sensível existencial com a ciência acadêmica, ou melhor, mostrando que não são excludentes, mas que se friccionam e dialogam.

Retornando o caminho para a construção de uma metodologia vazante e poética, segui o percurso, entre caminhadas, diários, poemas, criação de imagens, até a proposta de uma viagem etnográfica para a cidade de Jaguarão, atividade do Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos das professoras Louise Alfonso e Flávia Rieth. Esse passeio de extensão foi o precursor para a feitura do primeiro Diário Gráfico intitulado *Às Margens da Jaguarão: Viagem etnográfica entre os Cerros e os Rios* (Rieth et al. 2019) publicado na Revista *Áltera*, que realizamos e assim, pude pela primeira vez, pensar os caminhos a partir da confluência entre as linguagens: desenhos, poemas, fotografias, áudios e as mais variadas capturas artísticas e antropológicas, numa verdadeira artesanaria etnográfica.

Em cada experimento novo, mais meu coração ponteiro e poeta tornava-se uma vazante de coisas que iam surgindo no meio do caminho, até esse momento solitário, porém fundamental para a busca de chegar aos interlocutores e interlocutoras, foi o tempo de me perder e me encontrar nesse “emaranhado de vida”. No mesmo ano de nossa “viagem etnográfica” (2018), ou seja, ainda no prelúdio etnográfico poético-vazante,

embalada pelas leituras mágicas de Aldyr Garcia Schlee, estive em sua residência através do Inventário Nacional de Referências Culturais – Lida Campeira, coordenado pela prof.^a Flávia Rieth, esse encontro tomou um rumo inesperado e encantador, onde tive a oportunidade de ouvi-lo por horas e assim mapear a cidade, especialmente as ruas que antigamente recebiam nomenclatura com referência às águas, pois no começo de minhas caminhadas pelo corpo da cidade, passei a me dirigir por ruas cujos nomes faziam referência aos corpos hídricos ou que tinham relação com profissão de pescador, por exemplo: Rua do Pântano, Rua dos Pescadores, Rua Beira Rio, Rua do Peixe, dentre outras, a partir das quais se chegava e ainda se chega, com grande facilidade, a orla do rio Jaguarão e, por conseguinte, pode se ver a ponte e parte da cidade de Rio Branco.

Com a interlocução de Schlee voltei para Jaguarão e retomei o percurso a partir do que havia me dito sobre a cidade e suas águas, os mistérios e jaguares e aos poucos foi pegando corpo de coisa a se insinuar e assim me deixei levar pela companhia poética dos pássaros, gentes, ervas e toda espécie vivente e uma coragem de entrar de vez nas águas foi me tomando até chegar a costa do rio Jaguarão, de onde ouvia-se o gemido das pedras sendo abraçadas pelas ondas e os falares das vacas na outra linha da fronteira.

Esses trajetos a partir das memórias do escritor, misturados com as minhas lembranças ao deslocar-me fisicamente por vielas e ruas de uma cidade quase desconhecida, fez reconfigurar os espaços oficiais traçados pelo plano diretor, num esforço para descortinar outro lugar que não mais o senso comum dos sentidos, numa narrativa do caminhar, para ir existindo no presente. Como bem afirma as autoras Eckert & Rocha sobre essa cidade narrada, sobre as camadas temporais e as histórias que constituem esses lugares do vivido:

Não há assim confusão entre a história da cidade e a memória restaurada na narrativa dos habitantes que tomam a cidade como objeto temporal. Narram sobre o cotidiano, sobre as formas de sociabilidade, trajetórias e estilos de interagir e de pertencer, de distinguir e de conviver na cidade que os abriga. Mas essa cidade também os narra, uma representação mais ampla que ultrapassa redes e comunidades locais. Para tanto, os habitantes narram esta experiência de acomodar em múltiplas camadas do tempo vivido as trajetórias pensadas (Eckert & Rocha, 2010, p. 125).

Assim sendo, tudo começou pelos movimentos que foi se fazendo a passo pelos trajetos e percursos, não somente no sentido de alcançar um ponto final das ruas, vielas, becos, lugares desconhecidos, mas do processo caminhante, no balanço do corpo em

contato com as matérias – sensíveis, visíveis ou invisíveis – encontradas ao longo do caminho.

Retornando à exploração do território, tendo em mente aquele encontro com Schlee, fui novamente para a beira do rio, parei um tempo e aproveitei a oportunidade para tentar um diálogo com dois pescadores que se encontravam na porta de uma peixaria, notei que observavam o horizonte e a calmaria daqueles dias; fiz algumas perguntas, percebendo a resistência não estendi o assunto e segui flutuando com versos na cabeça.

Caminhando com vagar, sentindo a fluidez do corpo em contato com os lugares, o ritmo dos passos, procurando fazer o caminho ou quem sabe sonhar com as asas de Ícaro, uma *voyeur fronteira* ou pampera (Certeau, 1998: 170), seguindo o ritmo do rio até dar de golpe com os “encantados” que por ali se escondem, as histórias que nos contam, o risco vermelho na ponte e o marco aquático que divide nossa fronteira (Demutti, 2015).

Esse *andarilhar*, ou como referiu Peixoto & Silveira (2019: 03), essas “caminhadas anfíbias” permeou todo processo de perceber a cidade a partir das águas, ou melhor, pareceu-me um desvelar da cidade a partir desses fluxos aquáticos e da interlocução que se seguiu junto às pescadoras e pescadores artesanais, vinculados à Colônia Z25 de Jaguarão, passo importante para o mergulho profundo nas águas marrons da Lagoa Mirim, a fim de compreender a vida sofrida sentida na pele, no corpo, nos afazeres diários, Dona Rosa certa vez me disse: “*tudo começou aqui, e eu brigo muito pela valorização*”.

Rosa é uma personalidade de grande importância para a luta e valorização da classe trabalhadora pesqueira, especialmente no que tange o direito à aposentadoria e reconhecimento das mulheres pescadoras artesanais embarcadas da colônia, presidida e fundada por ela e outros pescadores. Essa categoria exerce sua profissão em regime de economia familiar. Assim, a etnografia que desenvolvi esteve diretamente ligada à família de Rosa, especialmente o casal Rosângela, filha de Rosa e Santiago e à pesca realizada na Lagoa Mirim, corpo hídrico que divide a fronteira entre Brasil e Uruguai.

Nesse sentido, penso a partir da frase de Rosa, que o rio oferece uma dádiva (justamente a água não somente como recurso, como também no simbolismo, nas relações de amizade e afeto e de sustentabilidade, para as cidades, não podemos esquecer que se trata de uma fronteira, demarcada justamente por suas relações com as águas, são elas o primeiro ponto de contato entre aqueles que ocupam os dois lados de cada banda.

Seguindo o deslocamento, num *modus transeunte*, tão caro para quem vive e está entre fronteiras, e fundamental para quem tem a água como principal meio de subsistência e locomoção, Ingold (2015) nos revela o seguinte: “... as ruas não são labirinto. Nós andamos por elas não pelo que revelam ao longo do caminho, mas porque elas nos permitem transitar de um ponto ao outro” (p. 24).

Vagando entre expectativas e frustrações de entradas em campo, finalmente consegui conversar com um pescador, o presidente do sindicato de pescadores de Jaguarão e assim, despacio no más, foi-se botando sentido a ideia de navegar nessas águas, estando não mais com duas lentes, ora antropologia, ora a poesia, mas me fazendo valer dessas múltiplas visões para atentar ao espaço, tempo, ontologias em diálogo e disputa, mirando bajo a um cristal, formando um prisma colorido.

Porém, gostaria e até imaginava que fosse cair de chofre na observação participante (Foote-Whyte, 1975), buscando uma melhor aproximação com os interlocutores e interlocutoras, visando alcançar o “ponto de vista nativo” que Malinowski (1978) nos ensina, mas esse passo não foi (e talvez não seja) o mais importante e percebi somente durante o percurso e indagando-me: como realizar uma observação participante se não sei pescar? Como entrar nas águas se não sei nadar? A cada tentativa a observação participante foi parecendo distante e isso, por alguns momentos, provocou-me angústia e uma sensação de que o trabalho não seria o suficiente para ser considerado uma etnografia.

Contudo, tendo mais evidente as “lentes” que me levaram ao deslocamento do olhar, trazendo as sensações corporais e sensíveis para dentro do diário de campo, estando atenta, fui compreendendo o fazer da pesquisa e aqui novamente me recorro a Ingold: “Como a poesia, a antropologia é uma busca pela educação no sentido original do terno, diferente do sentido que ele veio a adquirir ao ser assimilado pela instituição da escola” (2016: 408).

Essa educação, como refere o autor, deve ser pensada a partir da exposição, de colocar-se no mundo, na experiência e também nos perigos que isso acarreta, entendidos não pela violência explícita que conhecemos, mas pelo existencial que nos oferta a caminhada até estarmos de frente com o outro e, conseqüentemente, diante de si mesma e da própria antropologia.

A poeta e antropóloga Marília Kosby (2016) também se referiu sobre a antropologia, a poesia e a educação, radicalizando a aproximação que Ingold faz entre a

antropóloga e a poeta: “Tim Ingold (2014) sugeriu ao aproximar a postura epistemológica do antropólogo do poeta, ou melhor, ao localizar o encantamento que os poetas provocam (e que provoca os poetas) como agindo também no cerne da sensibilidade antropológica. (p.120).

Entre a poesia e a antropologia, perspectivas que até então pareciam dissonantes e volta e meia se excediam (por compreender a antropologia dentro da política racional, uma disciplina reconhecida institucionalmente), podem ser tratadas, epistemologicamente, pensando justamente numa antropologia poética, em consonância entre esses falares e saber-fazer.

Para chegar nessa aproximação foi preciso transitar de um lugar ao outro, vendo e sentindo as coisas ao passar pelos caminhos e assim compreendendo a maneira pela qual a poesia e a antropologia estão em diálogo. Nessa provocação poética e antropológica, fui sentindo esse encantamento que Marília refere e de como ia se associando a etnografia de maneira vazante, sensível, mas atenta, para retomar a citação da poeta Angélica Freitas.

Entender e fazer poesia, vai muito além da simples contemplação desconexa do mundo ou do verso da “poetisa” sofrida pelo amor malgrado, mas ao contrário é um estado de estar apegada ao mundo, ao *sencillo*, aos falares que não tem palavras, ao lixo e seus restos, nas miudezas que a ninguém importa, aos bichos e os modos como eles vivem e interagem conosco e a tudo o mais nos oferece de potências criadora e também destruidoras.

Ao fazer-me antropóloga-poeta andariando pelos caminhos, foi-se descortinando também outra possibilidade de etnografia de maneira a habitá-la, passando por ela atencionalmente, expondo-me às fraquezas, aos “etnodelírios” (Kosby, 2015), aos sonhos:

O fazer está dentro do passar por algo. Isso é o que distingue como um ato da experiência, visto que realizar uma experiência – em qualquer coisa que não seja um sentido dramático banal – é estar sempre dentro dela, é habitar nela. Assim, através do fazer que passa por algo, como Dewey reconheceu, nós habitamos o mundo (Ingold, 2020: 41).

Esse passar por algo, nos faz ter a dimensão da vida envolvendo-se nela, assim como pretendemos participar durante nossos fazeres antropológicos, porém para que o corpo e a mente peguem esse *jeito* penso que precisamos nos entregar ao efeito poético-

etnográfico, ir ao encontro dos dragões ou melhor, das jaguares que volta e meia aparecem nas beiras dos rios.

Reconhecer as limitações de não conseguir realizar uma observação participante aos moldes tradicionais, também é uma forma de atualizar um método tão caro para nós antropólogas, ou talvez, reinventar essa perspectiva que nos leva a tirar os olhos do cristal eurocentrado de uma racionalidade proposta e termos em mente nossos “saberes localizados” dentro da América Latina.

Essa maneira também pode se aproximar daquilo que explicita Holbraad (2014) e nos dá as condições de criarmos um “paraquedas coloridos” aos moldes de Krenak e alargar os horizontes de nossa disciplina: “crear las condiciones bajo las cuales uno puede ver las cosas en sus datos etnográficos, que de otro modo, nunca hubiera visto” (Holbraad, 2014: 131).

Neste sentido, Holbraad nos colocaria uma metodologia a partir do *giro ontológico* como uma forma de reflexividade para o campo antropológico, mas também como um *modus operandi*, “que esta reorientación metodológica implica, llamando la atención en especial a la inversión básica que implica entender el problema del cristal con el que se mira como un problema ontológico” (p. 132).

Assim sendo, colocamos uma metodologia que leva em consideração não somente os saberes com quem estamos em interlocução e esses os mais importantes para entrarmos em diálogo com outras ontologias, mas também pensar em quem está por trás da realização da etnografia, de onde vem a antropóloga que escreve e sente, a poeta-antropóloga, mestiza (tendo como referência Anzaldúa, 2009), latina e jaguareense.

Situar dessa forma é subverter por dentro da própria antropologia e usando do seu saber, para “suspender o céu”, não com a intenção de romper com as teorias e metodologias clássicas, mas para atualizar e contribuir com a reflexividade da própria disciplina, aquilo que Roberto Cardoso de Oliveira pensa enquanto “Ser” ou como Mariza Peirano e a Mariza Corrêa ao trazer as mulheres antropólogas para essa seara de etnógrafas que realizam seus experimentos, tirando o véu de que a subjetividade é inerente ao feminino.

Para chegar a uma poética metodológica, revisitei as linhagens de poetas, escritores e antropólogos⁴ que constituem o panteão de referenciais e que me lançaram luzes para pensar na possibilidade de alinhamento desses paradigmas, sendo um dos primeiros nomes o do antropólogo e escritor Michel Leiris, evocado em outro capítulo, como um dos representantes.

Leiris, em sua “África Fantasma”, nos brinda com uma *montagem* na sua escrita em formato de diário, mostrando as sensações, visagens, sonhos e experiências vividas entre os seus pares e também na relação com o “outro”, ou seja, há um trânsito não somente de grafias, mas uma espécie de maravilhamento diante da vida.

Além disso, também encontrei um grupo de antropólogos poetas chilenos que há muito estão discutindo questões relativas a escrita antropológica e suas relações com a literatura, especialmente a poesia e também sobre a maneira experimental que se apresenta a etnografia, Ianko Cangas (2001) apresenta em suas investigações onde teria se originado essa tendência dentro do campo antropológico:

“los antecedentes más inmediatos para comprender esas últimas tendencias en esta disciplina podemos encontrarlas en la teoría literaria, la filosofía, los estudios de género, y las obras propiamente literarias, desde los collages, hasta la literatura surrealista” (p. 247).

Para a discussão o autor se remete ao crítico literário Mikhail Bakhtin e ao conceito “dialógico del lenguaje” justamente pelo vínculo entre a linguagem e o contexto que não pode ser desconsiderado, essa aproximação coloca a relação com o fazer da etnografia: “el que no puede ser separado del contexto donde ocurre pues está ligado al continuo de la comunicación” (p. 248).

Nessa vertente, não se pode deixar de ter em mente que a etnografia passa por um processo de experimentação, não somente no que tange a sua desvinculação de um método rígido, mas pensá-la bajo a um caleidoscópio, assim, Cangas chama atenção para a ideia de subversão: “la presentación del relato etnográfico como subversión literaria y propiamente antropológica” (p. 248).

Sendo subversiva, essa antropologia poética está atenta para uma etnografia em que possa haver uma abertura às experimentações e aqui penso que isso significa a

⁴ Aqui, gostaria de evocar o nome de Antônio Cândido, um “antropólogo escondido”, como refere Mariza Peirano (1989): “Antônio Cândido não é nem foi o único a fazer antropologia escondido. Mas ele é exemplo excelente pela qualidade e atualidade do seu trabalho, além de ter estado sempre muito perto, sempre namorando a antropologia”.

maneira sensitiva e atencional com a qual vamos estar em campo e também sobre como esse relato vai ser escrito:

La antropología poética, se liga a la corriente experimentalista en la medida en que la presentación del relato es su preocupación fundamental, y expresa el quiebre de la tradición "narrativa" en la etnografía, sustituyendola por los recursos y las formas tradicionalmente propias de la poesía, como los tropos o figuras retóricas: la metáfora, la hipérbole, el hipérbaton, la metonimia; además de las estructuras que ha adoptado: la oración quebrada, el verso libre (Cangas, 2001: 249).

Há uma intenção epistemológica poética que está em diálogo ou que visa apresentar à ciência canônica que é possível existir uma polissemia linguística em deixar de ser entendida como teoria, ou seja, a poesia também é um *jeito* e uma categoria teórica e metodológica de se olhar para a “real realidade” como refere o autor citado acima

Essa real realidade seria vista a partir de um trânsito entre ser poeta e antropóloga, não somente no texto escrito de maneira a pensar nele a partir da literatura, mas de como somos “provocados e do que nos provoca”, como refere Marília Kosby, durante o trabalho de campo, ou seja, envolvendo nosso olhar com os demais viventes em relação de aprendizagem, de pesquisa, de experiência.

Nesse caso, a questão vai muito além de uma decisão simplista de escolher um lado para se agarrar, mas sim de estar nessas duas maneiras de escritas numa espécie mescla, na fricção, na tensão, na convergência e na confluência dessas formas de linguagem e assim evidenciar que é possível haver quebra ao cânone cientificista racional de pensamento e mostrar que existem outras maneiras de se escrever e sentir o saber.

É justamente essa tensão entre linguagens que nos permite trazer para dentro da antropologia essa poética vazante (Ver Ingold, 2012), esses ruídos atencionais, essa maneira de portar o corpo e as sensibilidades, e por conseguinte as palavras, sem que para isso precise haver uma espécie de troca imediata, entre antropóloga e poeta, mas sim aquilo que o poeta-antropólogo Iván Carrasco sugere de sermos: “peregrinos extraviados entre ambos mundos, que recorren la senda de un lado a otro y no se deciden por ninguno, o quieren oscilar entre los dos para cosechar algo de ambos.” (p. 1166).

Essa maneira de vivenciar e experimentar a metodologia e a teoria por dentro da antropologia, passa também pela crise do conhecimento racional e positivista, Carrasco (2001), bem como sua neutralidade advinda das ciências naturais e que foram expandidas para as humanidades.

Assim sendo, a antropologia poética se quer distinta do padrão tradicional de escrita europeu e norte-americano, que tem como referencial as ciências naturais, conformando um *jeito* diverso do paradigma da neutralidade, do des-envolver, para envolver-se, emaranhar-se na vida e nas coisas (Ingold, 2012). Para além deste *jeito* de escrever envolvido e emaranhado, acrescento que a antropologia poética é também uma metodologia em fronteiras:

La antropología poética es una escritura de límites imprecisos, fronteras movibles, zona de indeterminación genérica, tipológica, temática. En una dimensión netamente textual, constituye una manifestación de la mutación disciplinaria, una de las transformaciones más intensas de la discursividad literaria contemporánea, derivada de la influencia de la interdiscipliniedad, la interculturalidad, el debilitamiento y la crisis de las fronteras disciplinarias (Carrasco, 2001: 1167).

À vista disso, é a etnografia que passa por um realinhamento, um choque, um tensionamento desde uma mirada da poesia, reanimando o subjetivo e a livre postura (atencional) durante as saídas de campo, mais interessadas no sentir e deixar-se passar pelo momento de convívio, do que simples ato registrar aquilo que se ouve, vê e sente.

Por isso, também estamos diante daquilo que Arturo Escobar (2016) chama de *sentipensar*, pois a poesia e a antropologia vêm desse lugar sensível, de vivenciar *com* outros a fruição da vida e as suas tensões, as contradições, as desigualdades e as semelhanças, ou seja, tecendo os caminhos juntos.

Entretanto, relembro o trecho do poema de Mário Quintana: “mas eu me debruçava inquieto a uma e outra janela: faltava-lhe alguma coisa. Faltava...” nesse caso faltavam as interlocutoras e interlocutores, dar o passo importante no fazer etnográfico: a escuta e o olhar atentos, o corpo esperando as sensações de frio e tremor, para assim, compreender esses fazeres e seus modos de saber de maneira artesanal.

Então, quando fiz a retomada do trabalho de campo (havia feito uma entrada pontual no começo de 2019, mas foi sendo frustrada, ao ponto de não ter mais contato com o primeiro interlocutor), comecei a perceber as “artimanhas do acaso” (Peirano, 1992), porque na medida em que começava a me deslocar ia encontrando, *ao acaso*, as pescadoras e pescadores ligados à Colônia Z-25, que era o objetivo que desejava alcançar.

O *acaso* perpassou diversas etapas da minha pesquisa de campo, desde os encontros casuais e até mesmo inesperados, aos pontuais e agendados e mesmo nesses

casos o imponderável se fazia presente, pois ao chegar no local me deparava com mais interlocutores do que o esperado.

Pensar sobre as possibilidades do *acaso* é animar a própria antropologia, ou seja, circunstâncias inesperadas têm a ver com a fruição da vida, das escolhas e rumos que vão nos guiando ou também nos desviando – intencionalmente e atencionalmente – e dessa maneira se vai desenhando nossos itinerários e reflexões.

Por conseguinte, o *acaso* é uma via de aberturas, de potencialidades e que vai se tornando necessário, se refinando, na medida em que encontra aquilo que se buscava ou se tensionava, tal como diz o poeta Ferreira Gullar sobre o *acaso* e a poesia:

Quando eu escrever a primeira palavra eu reduzo a possibilidade, quando eu escrever o segundo verso, pouco a pouco eu vou reduzindo o acaso, a probabilidade deixa de ser infinita. Eu vou tornando necessário o que era mera casualidade. Quando chega a certa altura, o poema está de tal maneira estruturado que ele determina o que cabe ou não cabe ali. Então o que era o acaso, vira necessidade (Ferreira Gullar, *Fronteiras do Pensamento*, 2017).

Aqui podemos perceber a aproximação entre antropologia, metodologia e poesia, ao remeter a escrita poética para algo inexistente num primeiro momento, Ferreira Gullar nos diz que aquela surge precisamente do *acaso*, ou seja, o poema surge dessa ação da vida e das suas possibilidades.

Para Mariza Peirano a questão relacionada ao *acaso*, refletindo a partir de Malinowski, pode ser entendida como: “os imponderáveis da vida real que não invalidam, mas, ao contrário, enriquecem e dão aquela dimensão humana essencial à compreensão dos fenômenos sociológicos”. (p. 19).

Nessa radicalização, é interessante perceber e situar que o *acaso*, a poesia, a antropologia e essa maneira de fazê-las, estão juntos com a vida latente, na sua fruição de coisas, gentes e sentidos, logo estamos numa dimensão não somente sensível do fazer antropológico, mas apegado aos viventes que dela são partícipes.

Assim, numa tarde resolvi me deslocar até o bairro Vencato, em Jaguarão, lugar conhecido por ser violento (Fladiane Teixeira, 2019) e também por apresentar diversas particulares, dentre elas o fato de estar entre fronteiras: centro-periferia e Brasil-Uruguaí.

Nesse dia saí disposta a encontrar a casa da pescadora Juliana, mas não havia referencial algum que pudesse me levar até lá, apenas algumas indicações e, pela estrutura quase circular do bairro, quase nos perdemos, até que de longe enxerguei um barco em

frente a uma casa e também uma placa indicando que ali se vendiam peixes, bolinhos, então pensei, deve ser nesta rua!

Ao dobrarmos o carro – estava junto com meu companheiro – avistei Juliana na porta de sua residência, para minha alegria e alívio! Assim nos reencontramos depois de muitos anos – nossos pais eram amigos e convivemos boa parte de nossa infância, compartilhando brincadeiras. Comentei com ela sobre a minha pesquisa sobre as águas e o que desejava, ela prontamente me responde: “vou falar porque é pra ti”.

Além desse acaso, outro se sucedeu logo ao entrar na casa: Dona Rosa – presidenta da Colônia Z25 de pescadores - estava de visita, pois Juliana é sua nora, e dessa maneira pude conhecê-la pessoalmente e estabelecer um contato para posterior encontro em sua casa.

Naquele dia mesmo não hesitei em perguntar o que significava o rio para ela, como era ser pescadora e viver nas águas e então dona Rosa responde: “o rio é um trânsito, é só um trânsito” (Diário de Campo, outubro de 2019). A potência dessa frase ficou reverberando durante um bom tempo e creio que o seu sentido só consegui compreender depois de estar *pra fora*, na Lagoa Mirim.

A partir desses *acazos poéticos-antropológicos*, passei a ter uma postura menos pessimista quanto ao andamento do trabalho de campo – até então havia tido uma interlocução e depois só havia o silêncio das “caminhadas anfíbias” e uma expectativa de se realizar as observações, o que foi sendo aos poucos desvelado, pois para se estar na água é necessário deixar fluir, tal qual a vida e suas vicissitudes.

Assim, busquei pensar a antropologia e o fazer etnográfico, situando-os a partir de uma relação dialógica e de aproximação radical com a poesia, evidenciando a importância dessa perspectiva poética para a antropologia, trazendo alguns murmúrios para dentro de nossa disciplina e também mostrando como o acaso (e aqui também dentro do espectro poético conforme explicita Ferreira Gullar) foi parte integrante e fundamental dessa caminhada rumo às águas.

Portanto, pensar a antropologia agarrada à poesia (e aqui mora a contribuição da poesia e que este texto tentou mostrar) é ter o sentido da trama da vida e do sensível, das miudezas e de como isso tem a ver com os nossos movimentos em campo, em busca do encontro etnográfico e assim perceber, no olhar atencional da poesia, a própria etnografia

como sua coirmã, entre confluências e tensionamentos, mas, sobretudo, formando um caleidoscópio onde se pode mirar de maneira mais colorida o fazer antropológico.

Referências Bibliográficas

ANZALDÚA, Glória. Como Domar uma Língua Selvagem. *Cadernos de Letras da UFF* – Dossiê: Difusão da Língua Portuguesa, nº 39, p. 297-309, 2009.

_____. *La Frontera*. Capitán Swing Libros, Madrid, 2016.

BARROS, Manoel. *Poesia Completa*, Leya, São Paulo, 2010.

BLASER, Mário. Reflexiones sobre la Ontología Política de los Conflictos Meioambientales. *Conferência Pronunciada no Seminário Internacional de Pensamento Contemporâneo*, Universidade de Cauca, 2015.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O que é isso que chamamos de antropologia brasileira? In: *Sobre O Pensamento Antropológico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/Brasília: CNPq, 1988, p. 109-128.

_____. O Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir e Escrever. In: *O Trabalho do Antropólogo*. Editora Unesp, São Paulo, 2000

CANGAS, Ianko Nuevas Prácticas Etnográficas: el Surgimiento de la Antropología Poética. *Tomo I. Actas del Segundo Congreso Chileno de Antropología*. Santiago de Chile, 2001.

CARRASCO, Iván Antropología poética: Literatura, Estilo o Tipo de Discurso? *IV Congreso Chileno de Antropología*. Colegio de Antropólogos de Chile A. G, Santiago de Chile, 2001.

DAMATA, Roberto. O Ofício do Etnólogo, ou como ter “Anthropological Blues”. *Museu Nacional*, Rio de Janeiro, 1974.

ESCOBAR, Arturo. Cultura y diferencia. *Revista de Investigación en Cultura y Desarrollo*, 2012.

_____. Sentipensar con la Tierra: Las Luchas Territoriales y la Dimensión Ontológica de las Epistemologías del Sur. *Revista de Antropología Iberoamerica*. Volumen 11, número 1, enero-abril, Madrid, 2016.

FERREIRA, Clarissa. *Gauchismo Líquido* - Reflexões contemporâneas sobre a cultura do Rio Grande do Sul. Editora Coragem, Porto Alegre, 2021.

FREITAS, Angélica. *O útero é do tamanho de um punho*. Companhia das Letras, 2012.

FLOR, Juliana. *Chá de Murta: Campo y Poesia*. Editora Yaguará, 2020.

GULLAR, Ferreira. Poesia entre o Acaso e a Necessidade. *Fronteiras do Pensamento*, 2017. Acesso em:

GROSSI, Miriam; SCHWADE, Elisete; MELLO, Anahi Guedes de; SALA, Ariana (org). *Trabalho de Campo, Ética e Subjetividade*. Copiart: Florianópolis, Tribo da Ilha, 2018.

HARAWAY, Donna. Saberes Localizados. *Cadernos Pagu* (5) 1995: pp. 07-41.

INGOLD, Tim. O dédalo e o labirinto: caminhar, imaginar e educar a atenção. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 21, n. 44, p. 21-36, 2015.

_____ Trazendo as Coisas de Volta à Vida. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 18, n.37, p. 25-44, jan./jun. 2012.

_____ *Estar Vivo*. Ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Editora Vozes, São Paulo, 2015.

_____ Caminhando com Dragões: em direção ao lago selvagem. Cultura, Percepção e Ambiente. *Diálogos com Tim Ingold*. Carlos Alberto Steil e Isabel Cristina de Moura Carvalho (org.). Terceiro Nome, São Paulo, 2012.

_____ Chega de etnografia! A educação da atenção como propósito da antropologia. *Educação - Revista quadrimestral*, v. 39, n. 3, p. 404-411, Porto Alegre, set.-dez. 2016.

_____ *Antropologia e/como Educação*. Editora Vozes, São Paulo, 2020.

KOSBY, Marília. *Os Baobás do Fim do Mundo*. Editora Escola de Poesia, Porto Alegre, 2015.

_____ *Mugido* [ou o diário de uma doula]. Editora Garupa, Rio de Janeiro, 2017.

KRENAK, Ailton. *Ideias para Adiar o Fim do Mundo*. Companhia das Letras, São Paulo, 2019.

_____ *A Vida não é Útil*. Companhia das Letras, São Paulo, 2020.

LEIRIS, Michel. *A África Fantasma*. Cosacnaify, São Paulo, 2008.

PEIRANO, Mariza, Etnografia não é Método. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 20, n.40, p. 377-391, jul./dez. 2014.

_____ A Antropologia at home. In: *A Teoria Vivida e outros ensaios de antropologia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2006, p. 37-52.

PÉTONNET, Colette. Observação Flutuante: O exemplo de um cemitério parisiense. Antropolítica, *Revista Contemporânea de Antropologia*, Universidade Federal Fluminense. Niterói, n. 25, 2º sem. p. 99-111, 2008.